

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

A GAGUEIRA DE MOISÉS [Stuttering MOSES]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Vailatti, Carlos Augusto
Publisher	Instituto Universitario ISEDET
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-08 01:52:26
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/154888

A GAGUEIRA DE MOISÉS: múltiplas interpretações

Carlos Augusto Vailatti

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a deficiência que Moisés possuía em sua fala, a qual é tradicionalmente compreendida no judaísmo como sendo a gagueira. A partir da perícopa de Êxodo 4.10-17, forneceremos alguns pontos de vista através dos quais a citada deficiência de Moisés pode ser enxergada. As várias interpretações dadas à tradicional “gagueira” de Moisés, além de enriquecerem o nosso conhecimento sobre o assunto, também servirão para nos mostrar que a Bíblia Hebraica não é clara quanto à natureza exata do problema de Moisés.

Palavras-Chave: *Moisés, gagueira, interpretações.*

ABSTRACT

This article aims to analyze the deficiency that Moses had in his speech, which is traditionally understood in Judaism as stuttering. From the passage in Exodus 4.10-17, we will provide some points of view through which the aforementioned deficiency of Moses can be viewed. The various interpretations given to the traditional "stuttering" of Moses, besides enriching our knowledge on the subject, also will serve to show us that the Hebrew Bible is unclear about the exact nature of the problem of Moses.

Keywords: *Moses, stuttering, interpretations.*

INTRODUÇÃO

Se há um personagem bíblico que goza de bastante reputação e prestígio dentro do contexto das três maiores religiões monoteístas do mundo (Islamismo, Judaísmo e Cristianismo), esse personagem, sem dúvida alguma, é Moisés.

Ao que tudo indica, Moisés – cujo nome significa “filho das águas” em egípcio e “tirando fora” em hebraico – nasceu aproximadamente no ano 1527 a.C. durante o reinado do Faraó Tutmose I (ou Tutmés I).¹ Este grande vulto da narrativa bíblica, que tem o seu nome vinculado à aliança, à teocracia, à libertação de Israel da escravidão do Egito e à revelação da Lei de Deus no Monte Sinai, é conhecido por muitos como “o maior de todos os profetas”.²

Todavia, apesar de todos estes bons predicados, este importante servo de Deus do passado também possuía as suas deficiências e as suas limitações, como qualquer outro ser humano as possui. Uma dessas deficiências, em particular, será o alvo deste estudo. A que tipo de deficiência estou querendo me referir? A um tipo de deficiência que Moisés possuía em sua fala, a qual é tradicionalmente aceita no judaísmo como sendo a “gagueira”.

No presente trabalho, buscaremos descobrir qual era o tipo de problema que Moisés possuía em sua fala a partir da análise de sete pontos de vista, não necessariamente mutuamente excludentes, que são os pontos de vista: filológico, fisiológico, psicológico, idiomático, moral, tradicional e teológico.

Esperamos que, ao término deste artigo, as informações e observações nele contidas possam contribuir de alguma forma para a continuidade da discussão sobre o assunto, bem como, para a sua melhor compreensão.

¹ ARCHER JR., Gleason L. *Merece Confiança o Antigo Testamento?* São Paulo, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1991, p.137. Segundo Josefo, em sua obra *Antigüidades Judaicas*, Livro II, 5:87, o nome “Moisés” vem de uma palavra egípcia composta, cujo significado é “salvo das águas”. Vem de *Mo*, “água” e *isés*, “preservado”. (Cf. JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Vol.1. Rio de Janeiro, CPAD, 1990, p.56).

² Cf. GARDNER, Paul. (ed.). *Quem é Quem na Bíblia Sagrada*. São Paulo, Editora Vida, 2000, p.466.

I – O PONTO DE VISTA FILOLÓGICO

Uma vez que o tema do presente estudo sobre o qual nos debruçamos – A Gagueira de Moisés – tem a sua gênese no texto bíblico, logo, devemos iniciar a nossa pesquisa tendo como base a filologia. Aliás, cabe-nos esclarecer já de início que o campo de ação da filologia é amplo, o que quer dizer que a língua não constitui seu único objeto de estudo. A esse respeito, observemos as palavras de Saussure:

A língua não é o único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições, etc; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda questões lingüísticas, fá-lo sobretudo para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica ou obscura.³

A partir dessas informações sobre o raio de atuação da filologia, iremos concentrar essa primeira parte do nosso estudo basicamente em três elementos: a língua, a interpretação e o comentário do texto bíblico. Aliás, a perícopé da Bíblia que nos servirá de apoio para o nosso estudo está situada em Êxodo 4.10-17, onde nós encontramos escrito o seguinte:

¹⁰ Disse Moisés a Iahweh: “Perdão, meu Senhor, eu não sou um homem de falar, nem de ontem e nem de anteontem, nem depois que falaste a teu servo; pois tenho a boca pesada, e pesada a língua”.

¹¹ Respondeu-lhe Iahweh: “Quem dotou o homem de uma boca? Ou quem faz o mudo ou o surdo, o que vê ou o cego? Não sou eu, Iahweh?”

¹² Vai, pois, agora, e eu estarei em tua boca, e te indicarei o que hás de falar”.

¹³ Moisés, porém, respondeu: “Perdão, meu Senhor, envia o intermediário que quiseres”.

¹⁴ Então se acendeu a ira de Iahweh contra Moisés, e ele disse: “Não existe Aarão, o levita, teu irmão? Eu sei que ele fala bem. E eis que sairá ao teu encontro e, vendo-te, alegrar-se-á em seu coração.

¹⁵ Tu pois, lhe falarás, e lhe porás as palavras na boca. Eu estarei na tua boca e na dele, e vos indicarei o que deveis fazer.

¹⁶ Ele falará por ti ao povo; ele será a tua boca, e tu serás para ele um deus.

³ SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo, Editora Cultrix, 2006, pp.7,8.

¹⁷ Toma, pois, esta vara na tua mão: é com ela que irás fazer os sinais”.⁴

No que diz respeito ao gênero literário, Êx 4.10-17, juntamente com Êx 3.9-15, enquadram-se naquilo que Schreiner chama de *perícope da vocação*, a qual se desdobra, segundo esse mesmo autor, em outros dois gêneros literários fundamentais, os quais se distinguem pela maneira como reagem aqueles que são chamados por Deus, ou seja: a) *aqueles que aceitam o chamado sem resistência* – por exemplo, Isaías (Is 6.1-13) e Ezequiel (Ez 2.1-3.15) e b) *aqueles que oferecem alguma resistência ao serem chamados* – por exemplo, Moisés (Êx 4.10-17), Gideão (Jz 6.12-17) e Jeremias (Jr 1.4-10, 17-19).⁵

Ainda segundo Schreiner, na *perícope da vocação* estão presentes os seguintes elementos típicos de uma *narração bíblica da vocação*, os quais nós adaptamos à situação de Moisés: 1) a irrupção sensível do divino na vida do eleito (Êx 3.1-6); 2) o chamamento divino propriamente dito (Êx 3.7-10), no qual se exprimem a eleição (Êx 3.10,12), a missão (Êx 3.10) e o encorajamento (Êx 3.12; 4.12); e 3) a reação daquele que assim é chamado (Êx 3.11,13; 4.1,10,13).⁶

Ora, depois de identificarmos a que tipo de gênero literário corresponde a nossa perícope em estudo, devemos nos deter agora na análise das principais palavras, expressões e frases hebraicas que aparecem em Êx 4.10-17, no intuito de tentarmos descobrir qual era o problema que Moisés possuía em sua fala.

Em Êx 4.10, a primeira desculpa que Moisés utiliza diante de Iahweh para não se apresentar a Faraó exigindo que este liberte os filhos de Israel da escravidão egípcia é: “*eu não sou um homem de falar*”. Essa expressão, “*eu não sou um homem de falar*”, aparece na BHS⁷ assim: לֹא אִישׁ דְּבָרִים אֲנִי (lōʾ ʾiš dəḇārîm ʾānōkî), literalmente, “*eu não sou um homem de palavras*”. A LXX⁸ traduz essa frase laconicamente assim: οὐχ ἰκανός εἰμι (ouch hikanós eimi), “*eu não sou capaz*”, referindo-se provavelmente,

⁴ Utilizo aqui como base a tradução da BJ (Bíblia de Jerusalém). Cf. GIRAUDO, Tiago & BORTOLINI, José. (eds.). *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo, Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985.

⁵ SCHREINER, Josef. *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*. São Paulo, Paulus / Teológica, 2004, pp.248,249.

⁶ Idem, *Ibidem*, p.248.

⁷ ELLIGER, K. & RUDOLPH, W. (eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

⁸ Baseio-me em: RAHLFS, Alfred. *Septuaginta*. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

por inferência do contexto, à incapacidade “de falar”. Já a Vulgata⁹ traduz a frase dessa forma: *non sum eloquens* (“eu não sou eloqüente”).

Algumas das versões mais importantes em português trazem essa frase assim: ARC¹⁰ e BH¹¹ (“eu não sou homem eloqüente”); ARA¹² (“Eu nunca fui eloqüente”); TEB¹³ (“eu não tenho eloqüência para falar”) e NVI¹⁴ e TLH¹⁵ (“nunca tive facilidade para falar”).

Como pode ser percebido, a maioria das traduções que citamos tende a interpretar a frase *lōʾ ʾiš dābārîm ʾānōkî* (“eu não sou um homem de palavras”) como referência à “falta de eloqüência” por parte de Moisés. Assim pensam também Bergant e Karris, que comentam: “Moisés agora afirma não possuir os meios para relações públicas porque não tem eloqüência”.¹⁶

Além dessa frase, Êx 4.10 termina com a seguinte expressão: “tenho a boca pesada, e pesada a língua”. Essa expressão segue a BHS, que traz: פֶּה וְכִבֵּד לְשׁוֹן (kəbād-pe^h ûkəbād lāšôn), literalmente: “pesado de boca e pesado de língua”. O *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento* traz o seguinte comentário sobre o verbo *kābēd*, cujo sentido básico é “ser pesado”, de onde deriva o construto *kəbād*:

Geralmente *kābēd* tem uma conotação negativa. (...) De um modo genérico, os usos figurados classificam-se em três grupos. O primeiro refere-se a partes do corpo, expressando lerdeza, desajeito ou implacabilidade. O segundo diz respeito a

⁹ JÁNOS II, Pal. *Nova Vulgata Bibliorum Sacrorum Editio*. Vaticano. Libreria Editrice Vaticana, 1979.

¹⁰ ARC: “Almeida, Revista e Corrigida”. Cf. ALMEIDA, João Ferreira de. (trad.). *Bíblia Sagrada*. (Edição Revista e Corrigida). Rio de Janeiro, Imprensa Bíblica Brasileira, 1991.

¹¹ BH: “Bíblia Hebraica”. Cf. GORODOVITS, David & FRIDLIN, Jairo. (trads.). *Bíblia Hebraica*. Editora e Livraria Sêfer Ltda., 2006.

¹² ARA: “Almeida, Revista e Atualizada”. Cf. ALMEIDA, João Ferreira de. (trad.). *Bíblia Sagrada*. (Edição Revista e Atualizada). São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

¹³ TEB: “Tradução Ecumênica da Bíblia”. Cf. *A Bíblia – Tradução Ecumênica*. São Paulo, Edições Loyola, 1994.

¹⁴ NVI: “Nova Versão Internacional”. Cf. *Bíblia Sagrada (Nova Versão Internacional)*. Colorado Springs, International Bible Society, 2000.

¹⁵ TLH: “Tradução na Linguagem de Hoje”. Cf. *A Bíblia Sagrada*. (Tradução na Linguagem de Hoje). São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

¹⁶ BERGANT, Dianne & KARRIS, Robert J. (orgs.). *Comentário Bíblico*. Vol.1. [Introdução, Pentateuco e Profetas Anteriores]. São Paulo, Edições Loyola, 2001, p.96.

acontecimentos ou experiências, descrevendo sua severidade em termos de serem pesados. O terceiro indica tamanho ou número em tais termos. (...) Analogamente, os ouvidos (Is 6.10; 59.1; Zc 7.11), a língua (Êx 4.10) e os olhos (Gn 48.10) podem tornar-se embotados e sensíveis, ao passo que as mãos podem ficar pesadas, isto é, exaustas (Êx 17.12). *Nos três últimos casos [da língua, dos olhos e das mãos] há uma enfermidade envolvida (...).*¹⁷

A partir destes dados obtidos, somos informados que a expressão “*pesado de boca e pesado de língua*” aponta para algum tipo de enfermidade física que Moisés possuía em seu aparelho fonador. Sobre isso, porém, voltaremos a falar mais adiante. Todavia, creio que também seja oportuno citar aqui o comentário que a NET Bible traz sobre as expressões *kəḇad-pe^h* e *kəḇad lāšōn*:

As duas expressões (...) usam genitivos de especificação, a boca e a língua são as coisas que são pesadas – lentas. “boca” e “língua” são metonímias de causa. Moisés está dizendo que ele tem um problema para falar bem. Talvez ele tenha ficado muito tempo do outro lado do deserto, ou talvez ele estava sendo um pouco desonesto. De qualquer forma, ele ainda não tinha captado o sentido da presença de Deus.¹⁸

A LXX traz ἰσχνόφωνος καὶ βραδύγλωσσος (*ischnófōnos kai bradyglōssos*), isto é, “*gago (balbuciante) e lento de língua*”.¹⁹ Aqui, o uso do termo *ischnófōnos* significando “gago (balbuciante)” já aparece antes nos escritos do geógrafo e historiador grego Heródoto (V século a.C.) com este mesmo significado.²⁰ Já a Vulgata traz *impeditioris et tardioris linguae*, ou seja, “*impedimento e lentidão da língua*”. Percebe-se, portanto, que tanto a BHS, como a LXX e a Vulgata tendem a atribuir um sentido “físico” para o problema de Moisés com relação à sua fala.

¹⁷ HARRIS, R. Laird. (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo, Vida Nova, 1998, pp.695,696. Os itálicos e acréscimos entre colchetes são meus.

¹⁸ Confira o comentário sobre Êx 4.10 na NET Bible. Disponível em: <http://bible.org/netbible/index.htm>. Acesso em: 13/02/2011.

¹⁹ Porém, a tradução espanhola da Septuaginta de Êx 4.10 traz o seguinte: “Dijo entonces Moisés al Señor: “Te lo pido, Señor, no soy capaz, ni lo era ayer, ni antes de ayer, ni desde que comenzaste a hablar con tu siervo; yo soy de voz débil y tardo de palabra”. (Cf. MARCOS, Natalio Fernández, Díaz-Caro, María Victoria Spottorno & REÍLLO, José Manuel Cañas. [trads.]. *La Biblia Griega Septuaginta*. Vol.I. [El Pentateuco]. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2008, p.160).

²⁰ Cf. ἰσχνόφωνος, in: LIDDELL, H. G. & SCOTT, R. *An Intermediate Greek-English Lexicon*. (Founded upon the Seventh Edition of Liddell and Scott’s Greek-English Lexicon). Oxford, Oxford University Press, 1889, p. 385.

Contudo, ao nos dirigirmos a algumas traduções em português, verificamos que elas trazem: “*pesado de boca e pesado de língua*” (ARC e ARA, e também a BJ e a TEB com ligeiras variações, mas mantendo o mesmo sentido), “*fala lenta e língua trêmula*” (BH), “*Quando começo a falar, eu sempre me atrapalho*” (TLH) e “*Não consigo falar bem!*” (NVI). Todas essas traduções, com exceção da BH, não são claras quanto à *natureza* do problema que Moisés tinha em sua voz, isto é, se o seu problema era de ordem física ou não.²¹

Dando continuidade à análise do texto, devemos voltar agora a nossa atenção para Êx 4.12, no qual vemos Iahweh encorajando Moisés a se dirigir até Faraó com a divina mensagem de libertação dos filhos de Israel do Egito. Neste momento, Iahweh diz ao Seu servo: “*eu estarei em tua boca, e te indicarei o que hás de falar*”. A BHS diz aqui: $\text{וְאֲנֹכִי אֶהְיֶה עִם־פִּיךָ וְהוֹרִיתִיךָ אֲשֶׁר תִּדְבֹּר}$ (*wəʾānōkī ʔəhyeh im-pīkā wəhōrēṯīkā ʔāšer tədabbēr*), “*e eu serei com a tua boca, e te instruirei o que falarás*”. A LXX segue o texto hebraico aqui. O texto original, neste ponto, contribui ainda mais para a indefinição da natureza do problema de Moisés, pois a segunda frase dá a entender que a questão toda gira em torno do *conteúdo* da mensagem (“*e te instruirei o que falarás*”), e não em torno de algum *problema físico*. Neste caso, o problema diz respeito então ao *que* Moisés irá dizer (conteúdo), e não à forma *como* ele irá dizer (se com eloquência, ou não). Já a primeira frase, “*eu serei com a tua boca*” (Êx 4.12), repete-se novamente em Êx 4.15, onde é acrescentado que Iahweh também será com a boca de Aarão e, dessa vez, instruirá a ambos, Moisés e Aarão. Em outras palavras, Êx 4.15b é uma repetição ampliada de Êx 4.12.²²

Além disso, quando Moisés pede a Iahweh que envie outra pessoa em seu lugar a fim de ir até Faraó (Êx 4.13), Iahweh lhe responde: “*Eu sei que ele [Aarão] fala bem*” (Êx 4.14). A expressão “*fala bem*”, דַּבֵּר יָדַבֵּר (*dabbēr yəḏabbēr*), literalmente “*falar, falará*”, é um idiomatismo hebraico que se encontra na forma da construção verbal *piʿēl*, que é “a voz ativa da ação intensiva” e cuja intensidade “pode ser

²¹ *Rashi* (XI-XII Séc.), acrônimo de *Rabi Shlomo Ben Itzhak*, interpreta a expressão “pesado de boca” assim: “Com dificuldade (lit. pesadamente) eu falo. E na linguagem estrangeira”. (Cf. ITZHAK, Shlomo Ben.[Rashi]. *Shemot*. São Paulo, Trejger Editores, 1993, p.16).

²² Pfeiffer e Harrison, ao comentarem a frase “*Eu serei com a tua boca*” (Êx 4.12), dizem: “O gaguejar de Moisés, como servo fiel de Deus, será suficiente o bastante”. (Cf. PFEIFFER, Charles F. & HARRISON, Everett F. (eds.). *The Wycliffe Bible Commentary*. Chicago, Moody Press, 1987, p.55).

quantitativa ou *qualitativa*".²³ Sendo assim, sob o aspecto qualitativo, *dabbēr yəḏabbēr* pode ser traduzido como: “*fala bem*” (BJ e NVI), “*falará muito bem*” (ARC), “*fala fluentemente*” (ARA) e “*tem facilidade para falar*” (TEB e TLH). Já a BH estranhamente traz apenas a forma lacônica “*falará*”. Com exceção da BH, as outras traduções unanimemente apontam para o fato de que o irmão de Moisés, Aarão, possui *boa expressão verbal*. Aliás, em linguagem bastante atual, poderíamos traduzir *dabbēr yəḏabbēr* como “*se expressa, verbalmente, muito bem*”. Desta forma, sob a perspectiva da expressão verbal, podemos dizer que a perícopre de Êx 4.10-17 contrasta fortemente a *eloqüência* de Aarão (Êx 4.14) com a *falta de eloqüência* de Moisés (Êx 4.10a), sendo esta última, ao que tudo indica, resultante de algum *problema físico em seu aparelho fonador* (Êx 4.10b).

Finalmente, não poderíamos concluir essa primeira parte do presente trabalho, sem mencionar o que o Alcorão diz sobre o problema que Moisés possuía em sua fala. No Alcorão (compilado aproximadamente entre 622-632 d.C.), vemos que a descrição do problema de Moisés quanto à sua fala lembra bastante o relato da Bíblia Hebraica. Vejamos o que diz o Alcorão, no *Sura* 20.25-28, quando Moisés pede a Deus que o abençoe a fim de que ele possa trazer a mensagem divina a Faraó e aos egípcios:

²⁵ Disse ele [Moisés]: Senhor! Dilate o meu peito,

²⁶ E torne a minha tarefa fácil para mim,

²⁷ E solte o nó da minha língua,

²⁸ (para que) eles possam entender a minha fala²⁴

Um pouco mais adiante, Moisés novamente pede a Deus que o ajude em sua missão de ir até Faraó. O Alcorão, no *Sura* 26.13,14, diz:

¹² Ele (Moisés) disse: Senhor! Eu temo os seus me chamando de mentiroso!

¹³ E o meu peito se torna estreito, e a minha língua amarrada; então, envie Aarão (em meu auxílio).²⁵

²³ NAVARRO, Enrique Farfán. *Gramática do Hebraico Bíblico*. São Paulo, Edições Loyola, 2010, p.68.

²⁴ ALI, S. V. Mir Ahmed. (Trad.). *The Koran*. [Translation from Arab to English]. New York, Tahrike Tarsile Qur'an, Inc., 2008, p.226. O acréscimo entre colchetes é meu.

Nota-se, portanto, que a BHS, a LXX, a Vulgata e o Alcorão atribuem um sentido físico para o problema da fala de Moisés, sem, contudo, especificarem qual é esse problema (a exceção, como vimos, diz respeito à LXX).

Assim, nós terminamos a nossa abordagem filológica de Êx 4.10-17, onde pudemos destacar, sobretudo, alguns aspectos literários, lingüísticos e interpretativos referentes à presente perícopa. A seguir, buscaremos analisar o problema que Moisés tinha em sua fala a partir do *viés* fisiológico.

II – O PONTO DE VISTA FISIOLÓGICO

Já notamos anteriormente que o verbo hebraico *kābēd*, cujo sentido básico é “ser pesado”, de onde deriva a forma construta *kəbād*, tem relação com algum tipo de enfermidade física. Mas, afinal, que *tipo* de enfermidade Moisés teria? Segundo os escritores judeus *Sholem Asch*²⁶ (1880-1957), *Levi Meier*²⁷ (1946-2008) e *André Chouraqui*²⁸ (1917-2007), dentre outros, Moisés era gago. Além desses autores, outro judeu, o filósofo judeu-helenista *Filo de Alexandria* (25 a.C. – 50 d.C.) também menciona a gagueira de Moisés em sua obra *De Vita Mosis*, 2.77-108, 136-40.²⁹

Contudo, ao que parece, a Tradição Judaica e a LXX (como vimos acima) tiveram um papel importantíssimo na formação e pavimentação da ideia de que o problema que Moisés tinha em sua fala era a gagueira.³⁰ Enquanto que a Septuaginta (escrita entre o III e o I séculos a.C.) já empregava o termo grego *ἰσχνόφωνος* (*ischnófonos*), “gago (balbuciante)”, como tradução para o vocábulo hebraico *כְּבֹד־פֶּה*

²⁵ ALI, S. V. Mir Ahmed. (Trad.). *Op.Cit.*, p.267. Os acréscimos entre parênteses são do próprio autor.

²⁶ ASCH, Sholem. *Moisés: o libertador do povo judeu*. Rio de Janeiro, Editora Central Gospel, 2005, p.124.

²⁷ MEIER, Levi. *Moisés: o príncipe, o profeta*. São Paulo, Madras Editora Ltda, 2001, p.39.

²⁸ CHOURAQUI, André. *A Bíblia: Nomes (Êxodo)*. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1996, p.66.

²⁹ FILO, *De Vita Mosis*. Apud: REISNER, Noam. *Milton and the Ineffable*. Oxford, Oxford University Press, 2009, p.30.

³⁰ Embora a gagueira seja compreendida, em geral, como um problema na fala de *origem emocional*, todavia, o seu sintoma é de *ordem física*, sendo claramente percebido quando o portador dessa deficiência começa a falar. Por isso, resolvi incluir a gagueira dentro do ponto de vista fisiológico, embora reconheça que ela também pertence à psicologia, pois é, na verdade, uma *enfermidade psicossomática*.

(*kəbad-peh*), “pesado de boca”, a Tradição Judaica³¹, por sua vez, a qual data de milhares de anos e que possui um *corpus* de lendas, folclore e superstições que podemos chamar de *corpus* agádico (do termo talmúdico “agadá”, “estória”)³² já devia mencionar a gagueira de Moisés desde tempos imemoriais. Mais adiante, voltaremos a falar sobre a Tradição com maiores detalhes.

Os autores Assi Cicurel e Shifra Shvarts escreveram um interessante artigo sobre a gagueira de Moisés, abordando-a principalmente sob o ponto de vista médico e psicológico. Em seu artigo *Stuttering in Antiquity – Moses and Demosthenes (A Gagueira na Antigüidade – Moisés e Demóstenes)*, esses autores escrevem o seguinte:

As descrições ‘lento de língua’, ‘pesado de boca’ e ‘lábios incircuncisos’ [Êx 6.12,30] sugerem uma percepção da gagueira como um transtorno orgânico da parte superior (e mais visível), dos órgãos da fala – a boca, língua e lábios. Teorias semelhantes ocorrem por toda a parte na história até a virada do século dezanove, com cirurgias na língua sendo executadas por respeitáveis cirurgiões. Hoje, a gagueira também é percebida (por alguns pesquisadores) como uma desordem biológica, orgânica e parcialmente genética.³³

Seja como for, se Moisés realmente era gago ou não, isso nós não temos como saber com certeza. Todavia, incluindo a gagueira, alistei abaixo os nomes de algumas enfermidades relacionadas à deficiência na expressão verbal, as quais, segundo penso, *poderiam* muito bem descrever a situação de Moisés. Eis as enfermidades:³⁴

- *afasia / disfasia* (impossibilidade de se expressar, por exemplo, pela fala, provavelmente devido a alguma lesão cerebral);

³¹ “Tradição” é o nome dado aos “ensinos e leis transmitidos de geração a geração. Esta tradição oral foi coletada e registrada na Mishná e no Talmude e nas Respostas do rabinismo tardio”. (Cf. SHERBOK, Dan Cohn. *A Concise Encyclopedia of Judaism*. Oxford, Oneworld Publications, 1998, p.195).

³² UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1992, pp.7,8.

³³ CICUREL, Assi & SHVARTS, Shifra. *Stuttering in Antiquity – Moses and Demosthenes*. [Journal of the International Society for the History of Medicine]. Vol. IX, nº 2. Perth, Editorial Vesalius, 2003, p.16. Os acréscimos entre colchetes são meus.

³⁴ As enfermidades mencionadas, juntamente com as suas respectivas definições, estão baseadas em: PINHEIRO, Gilfredo & KLIMES, Helena Botelho Gomes. (eds.). *Dicionário da Língua Portuguesa*. [Larousse Cultural]. São Paulo, Editora Nova Cultural Ltda, 1992.

- *afonia* (enfraquecimento da voz, geralmente provocado por inflamação na laringe);
- *disartria* (distúrbio na articulação das palavras, de origem neurológica);
- *disfonia* (anomalia na fonação, geralmente consecutiva a uma disfunção do próprio aparelho fonador);
- *dislalia* (distúrbio na emissão de palavras);
- *fanhosidade* (emissão de voz anasalada, como que saindo pelo nariz, fazendo com que a pessoa falante não pronuncie certos fonemas);
- *gagueira* (dificuldade no pronunciamento das palavras, ou hesitação ao pronunciá-las, as quais são pronunciadas de forma a se repetir as sílabas);
- *lábio leporino* (malformação congênita na qual o lábio superior encontra-se fendido);
- *língua presa* ou *língua aderente* (língua fixada de forma anormal, por meio de pregas, ao assoalho da boca).

Como se pode ver, há sob o ponto de vista fisiológico, várias enfermidades que poderiam corresponder à deficiência que Moisés tinha em sua fala. Entretanto, embora a gagueira esteja entre elas e seja tradicionalmente aceita por muitos como a deficiência na fala que melhor descreve a situação de Moisés, não podemos afirmar categoricamente que a gagueira era o verdadeiro problema de Moisés.

Dessa forma, nós concluimos a nossa abordagem fisiológica sobre qual teria sido o problema físico de Moisés que o impossibilitava de se expressar verbalmente. No próximo capítulo, trataremos de analisar a deficiência de Moisés sob o ponto de vista psicológico.

III – O PONTO DE VISTA PSICOLÓGICO

Assim que abrimos a Bíblia no livro de שמות (*šəməṭ*), isto é, “Êxodo”, logo nos primeiros capítulos já nos deparamos com o chamado divino de Moisés, que deveria ir até Faraó e ordenar-lhe que libertasse o povo de Israel da escravidão egípcia (Ex 3.7-10), bem como, nos deparamos também com as cinco desculpas que Moisés dá a Iahweh a fim de esquivar-se de sua tarefa divina. Segundo Tim LaHaye, tais desculpas

são características de alguém que possui *temperamento melancólico* e *complexo de inferioridade*.³⁵ Eis as desculpas:

- a) Não tenho nenhum talento. “*Quem sou eu para ir a Faraó e fazer sair do Egito os filhos de Israel?*”. (Êx 3.11).
- b) Não conheço teologia. “*Quando eu for aos filhos de Israel e disser: ‘O Deus de vossos pais me enviou até vós’; e me perguntarem: ‘Qual é o seu nome?’, que direi?*”. (Êx 3.13).
- c) Ninguém acreditará em mim. “*Mas eis que não acreditarão em mim, nem ouvirão a minha voz, pois dirão: ‘Iahweh não te apareceu’*”. (Êx 4.1).
- d) Não posso falar em público. “*Perdão, meu Senhor, eu não sou um homem de falar, nem de ontem e nem de anteontem, nem depois que falaste a teu servo; pois tenho a boca pesada, e pesada a língua*”. (Êx 4.10).
- e) Não quero ir. “*Perdão, meu Senhor, envia o intermediário que quiseres*”. (Êx 4.13).

Embora Moisés tenha dado todas essas desculpas com o intuito de se desvencilhar de seu chamado divino, contudo, apenas a quarta desculpa dada por Moisés – “não posso falar em público” – será o objetivo do nosso estudo de forma mais detida. Porém, essas desculpas nos levam a formular as seguintes questões: Será que Moisés possuía mesmo *temperamento melancólico*? Seria ele, de fato, portador de certo *complexo de inferioridade*, conforme observou Tim LaHaye? Mais adiante trataremos de responder a estas perguntas. Por hora, voltemos ao nosso estudo.

Como já vimos anteriormente, há muitas dúvidas sobre qual teria sido a *enfermidade física* que teria acometido a Moisés e prejudicado a sua fala. Além disso, já dissemos também que a gagueira, por ter *origem emocional*, mas *sintoma físico*, também pertence à área da psicologia justamente por tratar-se de uma *enfermidade psicossomática*. Ou seja, ela é uma doença que tem a sua origem na ψυχή (*psychē*), “alma”, mas que possui os seus reflexos, conseqüências e desdobramentos no σώμα

³⁵ Essas desculpas são mencionadas por Tim LaHaye, que analisa Moisés a partir da perspectiva psicológica. (Cf. LAHAYE, Tim. *Temperamentos Transformados*. São Paulo, Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1995, pp.84-90).

(*sōma*), “corpo”. Aliás, o já citado autor, Levi Meier, que também era gago quando criança e que veio a se tornar psicólogo clínico posteriormente, ao discorrer sobre a gagueira, destacou três causas psicológicas principais que explicariam a sua ocorrência em um indivíduo. Diz o autor:

Há muitas teorias sobre a etiologia da gagueira. Alguns dizem que ela começa com uma mãe ou pai dominador, que não dá ao filho uma oportunidade adequada de falar. Outros dizem que acontece quando a criança é criada em tempos turbulentos e difíceis, ou que surge do medo de ter que falar a uma autoridade intimidadora que presta atenção apenas às pessoas confiantes e poderosas.³⁶

A partir dessas observações psicológicas sobre a gagueira feitas por Meier, somos tentados a pensar: “se Moisés realmente foi gago, o que o teria levado a isso?”. Não há nenhum indício na Torá de que os pais de Moisés, Anrão e Joquebede (Êx 6.20), tivessem sido *dominadores* com relação ao seu filho.

Além disso, embora Moisés tenha sido criado, de fato, em tempos turbulentos e difíceis – em um contexto múltiplo: de escravidão do seu povo (Êx 1.8-14), de tentativa de infanticídio masculino em massa perpetrado por Faraó (Êx 1.15-22), de fuga com os seus pais quando infante (Êx 2.1,2) e de grande perigo nas águas do rio Nilo (Êx 2.3-6) – ainda assim, é bastante incerto afirmar que tais circunstâncias contribuíram para a *instabilidade emocional* do pequeno Moisés, ocasionando, por fim, a sua gagueira. Pelo menos, não há evidências claras, do ponto de vista bíblico, de que tal fato teria acontecido.

Por último, não sabemos também se o *medo*, a *timidez* ou outro sentimento qualquer que Moisés possa ter sentido ao ter que se expressar diante de uma autoridade intimidadora, tal como Faraó, o tivesse feito contrair a gagueira.³⁷ De qualquer forma, a hipótese de Moisés ter contraído a gagueira como algo resultante de algum tipo de

³⁶ MEIER, Levi. *Op. Cit.*, p.39.

³⁷ Sholem Asch diz que Moisés “como sempre, gaguejava e não encontrava palavras quando dominado pela cólera”. (Cf. ASCH, Sholem. *Op. Cit.*, p.124). Rachel Farbiarz argumenta que “talvez Moisés fosse profundamente tímido, um pastor que preferia mais a companhia dos animais à das pessoas, com a sua insaciável demanda por palavras”. (Cf. FARBIARZ, Rachel. *Parshat Vaera 5769*. [Article | AJWS Torah Commentary Series]. New York, American Jewish World Service, 2009, p.1). Já William Miller enxerga um Moisés bastante inseguro, pois “ele poderia ainda estar duvidando de si mesmo”. (Cf. MILLER, William T. *The Book of Exodus: question by question*. New Jersey, Paulist Press, 2009, p.33).

instabilidade emocional, embora desprovida de evidências claras, não pode ser completamente descartada.

Além de Levi Meier, Assi Cicurel e Shifra Shvarts assim descrevem o problema de Moisés sob a perspectiva psicológica:

É notável que a promessa de Deus de ser '*com a boca de Moisés*' não satisfaz Moisés. A reação de Moisés mostra o grau do seu medo, sua opinião da gravidade do problema e sua falta de confiança, causados por anos de dificuldades na fala. A afirmação de Moisés de '*não ser eloqüente*' pode ser vista como uma estratégia para evitar falar. O ato de evitar, o uso de uma outra pessoa para falar, é uma estratégia comum para os gagos lidarem com a doença e, curiosamente, esta é a única solução que satisfaz Moisés.³⁸

Ora, diante de todos esses apontamentos, novamente perguntamos: Moisés seria um indivíduo *melancólico*? Teria ele algum *complexo de inferioridade*? Caso afirmativo, será que tal complexo estaria ligado à deficiência que ele possuía para se expressar verbalmente? Como disse agora há pouco, embora a deficiência de Moisés *possa ter sido* a gagueira e, além disso, embora tal deficiência também *possa* ser oriunda de algum problema emocional, todavia, não temos provas claras sobre isso na Bíblia.

Bem, passemos agora a tratar da deficiência que Moisés possuía a partir do ponto de vista idiomático.

IV – O PONTO DE VISTA IDIOMÁTICO

Antes de qualquer coisa, devo explicar o que quero dizer com “idiomático”. Ao abordar o problema de Moisés sobre o ponto de vista idiomático, estou querendo me referir às questões relacionadas ao *idioma* ou *idiomas* que Moisés falava. Antes disso, porém, é necessário fazermos algumas observações de ordem cronológica sobre a vida de Moisés. Embora a narrativa do Êxodo não nos forneça nenhum dado exato acerca do

³⁸ CICUREL, Assi & SHVARTS, Shifra. *Op.Cit.*, p.16.

período em que Moisés ficou no Egito, R. Alan Cole, comentando sobre Êxodo 2.11-15, diz o seguinte:

Atos 7:23 afirma que Moisés tinha quarenta anos na época [isto é, na época em que Moisés, sendo já grande, se dirige aos seus irmãos israelitas e atenta para as suas pesadas tarefas]. Êxodo afirma somente que ele tinha oitenta anos quando se apresentou perante Faraó (7:7) e que passara muitos dias em Midiã (2:23). É possível que quarenta anos seja representativo de uma geração (...).³⁹

Essa descrição sucinta de Cole nos mostra que Moisés tem a sua vida dividida em dois períodos de quarenta anos. Nos primeiros quarenta anos de sua vida, Moisés está presente na corte real egípcia.⁴⁰ Durante este período se deu a sua educação que, segundo Sholem Asch, era caracteristicamente multilíngüe:

Nas aulas da academia, o jovem príncipe Moisés aprendeu a ler e a escrever a língua egípcia antiga e a dominar também a escrita secreta dos sacerdotes. (...) Aprendia-se ali também a escrita semítica dos povos asiáticos, cananitas, hititas e sírios (...).⁴¹

Essas informações fornecidas por Asch nos mostram, entre outras coisas, que Moisés devia ser fluente em egípcio antigo. Todavia, no livro apócrifo de *Jubileus* 47.9, escrito por volta do II século a.C., a frase “*Anrão, teu pai, te ensinou a escrever*”,⁴² embora seja bastante duvidosa, pois não se sabe ao certo se Anrão esteve presente na vida de Moisés durante *todo* ou *parte* do primeiro período dos seus primeiros quarenta anos, deixa subentender que Moisés também conhecia o hebraico.⁴³

³⁹ COLE, R. Alan. *Êxodo: introdução e comentário*. São Paulo, Vida Nova / Mundo Cristão, 1990, p.57. Os acréscimos entre colchetes são meus.

⁴⁰ TENNEY, Merrill C. (ed.). *The Zondervan Pictorial Bible Dictionary*. Grand Rapids, Zondervan Publishing House, 1965, p.557.

⁴¹ ASCH, Sholem. *Op.Cit.*, p.39.

⁴² Cf. JOHNSON, Luke Timothy. *The Acts of the Apostles*. Collegeville, The Liturgical Press, 1992, p.125.

⁴³ De qualquer forma, Moisés certamente conhecia bem o hebraico, pois a sua mãe, Joquebede, que era hebréia, o havia criado desde a sua infância até a fase adulta, quando então o entregou para que a filha de Faraó o adotasse como filho (cf. Êx 2.8-10).

Já no segundo período de quarenta anos de sua vida, Moisés vive no deserto de Midiã, de onde Deus o chama a fim de realizar a sua divina incumbência. Nas palavras de Boice:

Foi somente depois de passar quarenta anos como pastor de ovelhas, no extremo oposto do deserto de Midiã, aos então oitenta anos de idade, que Deus lhe apareceu [a Moisés] e o chamou para a tarefa de conduzir os israelitas para fora do Egito.⁴⁴

É justamente aqui que surge o nosso quarto ponto de vista sobre o problema que Moisés possuía em sua fala. Como Moisés já tinha saído do Egito havia bastante tempo, talvez ele tivesse perdido a fluência na língua egípcia, de maneira que “o idioma egípcio que ele falava não fosse suficiente para expressar-se perante o Faraó”.⁴⁵ Se essa interpretação estiver correta, então, ao dizer “*eu não sou um homem de palavras*” (Êx 4.10), Moisés estava querendo dizer que ele havia perdido a fluência na língua egípcia, o que comprometeria a comunicação da mensagem divina endereçada ao rei egípcio.⁴⁶

A esse respeito, é importante observar as palavras de Jan Assmann, segundo quem a deficiência idiomática de Moisés não se verifica na falta de fluência no *idioma egípcio*, mas sim pela falta de fluência no *idioma hebraico*. Segundo Assmann:

A Bíblia ainda mantém um traço de sua [de Moisés] ascendência estrangeira na medida em que fala de sua “língua pesada” e sua dependência de seu irmão Aarão. Como um egípcio, Moisés não falava hebraico e tinha que contar com um intérprete.⁴⁷

A meu ver, a teoria da *perda da fluência do idioma egípcio* como explicação para a frase “*eu não sou um homem de palavras*” (Êx 4.10) é mais adequada para

⁴⁴ BOICE, James Montgomery. *Homens de Deus em Tempo de Crise*. São Paulo, Editora Multiletra, 1996, p.48. Os acréscimos entre colchetes são meus.

⁴⁵ MELAMED, Meir Matzliah. (trad.). *Torá: a Lei de Moisés*. São Paulo, Editora e Livraria Sêfer Ltda, 2001, p.161.

⁴⁶ Contudo, devemos ter em mente aqui a importante advertência feita por Cole, segundo quem os “dialetos semitas ocidentais eram amplamente entendidos, e mesmo falados, na área do delta. Uma patroa egípcia [tal como Tarmute, Merris ou Bitia – possíveis nomes da filha de Faraó] podia muito bem entender e usar a língua dos seus empregados [como, p.ex., a língua hebraica de Joquebede – Êx 2.4-9] para dar suas ordens, como as ‘mensahib’ do império Britânico em dias mais recentes”. (Cf. COLE, R. Alan. *Op.Cit.*, p.57). Os acréscimos entre colchetes são meus.

⁴⁷ ASSMANN, Jan. *Moses the Egyptian: the memory of Egypt in western monotheism*. Cambridge, Harvard University Press, 1998, pp.154,155.

explicar a deficiência que Moisés possuía em sua fala do que a hipótese inversa do *estrangeirismo* de Moisés (mencionada por Assmann), segundo a qual Moisés não tinha fluência no *idioma hebraico*.⁴⁸ Contudo, para sermos justos com Assmann, devemos dizer que Kalisch, já em meados do século XIX, citou a tradição judaica, segundo a qual Moisés não conseguia pronunciar com facilidade as labiais *p*, *m*, *w*, *b*.⁴⁹ Entretanto, conforme vimos anteriormente, Moisés certamente possuía familiaridade com o idioma hebraico, pois ele fora criado por sua mãe, Joquebede, que era hebréia, desde a sua infância até a fase adulta (Êx 2.8-10). Logo, é difícil imaginar que Joquebede não teria ensinado a língua hebraica para o seu filho durante todo esse tempo.⁵⁰ Aliás, o *Targum Onkelos* (datado do III Séc. d.C.) afirma que “Moisés falava hebraico como um anjo e Aarão traduzia para o egípcio”.⁵¹

Vejamos, agora, a interpretação sobre a deficiência que Moisés possuía em sua fala levando em consideração o ponto de vista moral.

V – O PONTO DE VISTA MORAL

Embora esse item possa soar um tanto quanto estranho, creio que a presença dele aqui será convincentemente justificada.

Há uma expressão proferida pelo próprio Moisés para a qual ainda não demos a devida atenção até o presente momento, mas que, a meu ver, deve ser analisada a partir

⁴⁸ Para obter outra interpretação sobre a hipótese do *estrangeirismo* de Moisés proposta por Assmann, veja o comentário fornecido por Andiñach sobre a nossa perícope em estudo, em: ANDIÑACH, Pablo. *O Livro do Êxodo: um comentário exegetico-teológico*. São Leopoldo, Editora Sinodal, 2010.

⁴⁹ KALISCH, M. *Exodus*. [A Historical and Critical Commentary on The Old Testament, with A New Translation]. London, Longman, Brown, Green and Longmans, 1855, p.69. Scharfstein comenta que Moisés não era bom em unir as palavras e expressar seus pensamentos. (Cf. SCHARFSTEIN, Sol. *Torah and Commentary: the Five books of Moses: Translation, Rabbinic and Contemporary Commentary*. New Jersey, Ktav Publishing House, 2008, p.167).

⁵⁰ Para uma boa análise sobre os idiomas que Moisés provavelmente devia falar, consulte: SHELL, Marc. *Mose's Tongue*. [Article | Commom Knowledge]. Durham, Duke University Press, 2006, pp.162-171.

⁵¹ DRAZIN, Israel. *Targum Onkelos to Exodus: an English translation of the text with analysis and commentary*. [Based on the A. Sperber and A. Berliner editions]. New Jersey, Ktav Publishing House, 1990, p.85.

de agora. Trata-se da expressão: עָרַל שְׂפָתַיִם (*ʿāral śəpāṭāyīm*), “incircunciso de lábios” (Êx 6.12,30) que imediatamente traz à nossa memória a perícopa de Êx 4.10-17.

Segundo verifica-se, o adjetivo *ʿāral*, “com prepúcio”, “incircunciso”, além de tornar-se uma *expressão de desprezo* com relação aos filisteus, pois estes não praticavam a circuncisão (p.ex., Jz 14.3; 1 Sm 14.6; 17.26), estava associado ainda a *impureza moral e espiritual* (Is 52.1) e também aos *órgãos que não funcionavam corretamente*, como, por exemplo, os “lábios incircuncisos” de Moisés.⁵² Contudo, será que neste último caso deveríamos interpretar a frase “incircunciso de lábios” apenas de forma *literal e física*, apontando para algum tipo de doença (como o fazem Assi Cicurel e Shifra Shvarts – cf. p.11), ou essa expressão também pode ser entendida como uma referência a alguma espécie de *problema moral*?⁵³ Creio que seja oportuno lembrar aqui o comentário que a NET Bible faz sobre as expressões *kəḇad-peḥ* (“pesado de boca”) e *kəḇad lāšôn* (“pesado de língua”), encontradas em Êx 4.10:

(...) Moisés está dizendo que ele tem um problema para falar bem. Talvez ele tenha ficado muito tempo do outro lado do deserto, ou talvez ele estava sendo um pouco *desonesto*.⁵⁴

De acordo com esse comentário, Moisés poderia ter algum problema moral em sua fala. Será que Moisés, até o momento em que se encontrou com Iahweh e descobriu o seu chamado, era um homem dado a proferir palavras torpes, tais como, xingamentos, murmurações, blasfêmias, mentiras, ou coisas do gênero? Se o próprio profeta Isaías, séculos depois dele, disse que os seus lábios e os de seu povo, Israel, eram impuros (Is 6.5), isto é, contaminados pelo pecado, Moisés, ao mencionar os seus “lábios incircuncisos” (Êx 6.12,30), não poderia estar admitindo a própria *mea culpa* moral? Ele não poderia estar fazendo uma referência à falta de “santidade” ou “pureza” em seu falar?

⁵² HARRIS, R. Laird. (org.). *Op.Cit.*, p.1171.

⁵³ Lienhard cita Orígenes (185-254 d.C.), para quem a frase “incircunciso de lábios” deve ser interpretada figuradamente. Todavia, ele não menciona qual é o significado figurado que Orígenes atribui à frase. (Cf. LIENHARD, Joseph T. (ed.). *Exodus, Leviticus, Numbers, Deuteronomy*. [Ancient Christian Commentary on Scripture – Old Testament III]. Downers Grove, Inter Varsity Press, 2001, p.26).

⁵⁴ Confira o comentário sobre Êx 4.10 na NET Bible. Disponível em: <http://bible.org/netbible/index.htm>. Acesso em: 13/02/2011. O itálico é meu.

Seja como for, uma coisa é certa: independentemente de esse ter sido *o* problema ou *um* dos problemas de Moisés relacionado(s) à sua fala, Moisés não era perfeito, como nenhum ser humano o é. Aliás, como bem declarou Boice, a vida de Moisés nos mostra que os verdadeiros servos de Deus são capazes de falhar miseravelmente e também nos mostra que Deus é capaz de realizar os Seus planos, mesmo no meio de nossas derrotas.⁵⁵

No capítulo seguinte, trataremos de verificar a deficiência que Moisés possuía em sua fala a partir da perspectiva tradicional.

VI – O PONTO DE VISTA TRADICIONAL

A vida de vários personagens da Bíblia Hebraica, quando analisada sob a perspectiva da Tradição Judaica (daí o porquê de “tradicional”), por exemplo, está repleta de elementos fantasiosos, supersticiosos, místicos e lendários. No caso de Moisés e do problema relacionado à sua fala, em particular, isso também pode ser verificado. A Tradição Judaica, que em geral entende o problema de Moisés em relação à sua fala como sendo a *gagueira*, descreve o seu surgimento na vida do grande líder de forma bastante imaginativa. Como esta mesma história aparece na Tradição de formas diferentes, citaremos aqui apenas três das versões sob as quais ela pode ser verificada. Eis a primeira versão, segundo Alan Unterman:

Quando criança, [Moisés] foi testado pelo Faraó, para ver se seria um causador de problemas no futuro. Diante dele foram colocados carvões em brasa e ouro. Moisés quis estender a mão para o ouro, mas o anjo Gabriel empurrou sua mão para os carvões. Moisés imediatamente levou a mão à boca, e os resíduos de carvão quente fizeram-no desenvolver uma gagueira.⁵⁶

A segunda versão sobre o surgimento da gagueira em Moisés, segundo a Tradição Judaica, nos é fornecida por Levi Meier. Diz ele:

⁵⁵ BOICE, James Montgomery. *Op.Cit.*, p.53.

⁵⁶ UNTERMAN, Alan. *Op.Cit.*, p.180. O acréscimo entre colchetes é meu.

Segundo o Midrash, foi assim que Moisés ficou gago. Certo dia, quando ele tinha três anos de idade e brincava em uma sala com outros membros da casa do faraó, que estava assentado em seu trono, Moisés agarrou a coroa do faraó e colocou-a em sua própria cabeça. O faraó e seus conselheiros ficaram horrorizados e tentaram determinar o melhor curso a seguir. Um dos conselheiros sugeriu que aquele não havia sido um acidente de criança, mas um ato voluntarioso do jovem Moisés que, quando crescesse, destruiria o Egito. Imediatamente inventaram um teste. Colocariam uma pedra preciosa sobre a mesa e, próxima a ela, uma panela com carvão quente. Moisés ficaria diante dos dois objetos e, se tentasse pegar a pedra preciosa, demonstraria seu desejo de usurpar o trono de faraó, devendo ser executado. Se tentasse pegar os carvões, provaria sua inocência e a vida lhe seria poupada. Moisés foi levado à sala. Imediatamente se sentiu atraído pela jóia brilhante e tentou alcançá-la. Um anjo, porém, empurrou a mão dele em direção à panela com os carvões. Moisés apanhou um pedaço de carvão quente e tocou a boca com ele, queimando os lábios e a língua, o que o fez tornar-se “pesado de boca e pesado de língua”. Assim, a causa da gagueira de Moisés pode ser verdadeiramente única.⁵⁷

Por fim, a terceira versão sobre o aparecimento da gagueira em Moisés, ainda segundo a Tradição Judaica, nos é dada por André Chouraqui. Segundo ele:

(...) inicialmente Moshè não era gago mas, ao contrário, muito eloqüente. Um dia, ao ver um Mitsri [Egípcio] em oração diante do seu ídolo, utiliza sua eloqüência contra ele. IHVH interrompe então seu neófito de zelo exagerado: ‘Este idólatra adora a mim esmo através de seu ídolo’. E, para punir Moshè por seu zelo intempestivo, substitui sua eloqüência natural pela gagueira.⁵⁸

Estas três versões sobre a origem da gagueira de Moisés, relatadas pela Tradição Judaica, guardam algumas semelhanças e diferenças entre si. Na primeira versão, Unterman é mais conciso do que Meier, na segunda. Unterman omite, por exemplo, a idade exata de Moisés, o fato de ele estar brincando, os tipos de problemas que ele poderia causar no Egito no futuro, o fato de Moisés ter agarrado a coroa de Faraó e a ter colocado em sua cabeça e a sua ameaça de morte. Já, Meier, inclui todos esses detalhes

⁵⁷ MEIER, Levi. *Op.Cit.*, p.39.

⁵⁸ CHOURAQUI, André. *A Bíblia: (Nomes) Êxodo*. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1996, p.66. O acréscimo entre colchetes é meu.

em sua versão, mas omite o nome do anjo (“Gabriel”) que teria socorrido a Moisés no teste de Faraó, o que resultou na preservação da vida do pequeno infante.

Ao que tudo indica, estas duas primeiras versões sobre a origem da gagueira de Moisés são as mesmas, as quais, todavia, foram contadas de formas distintas. Enquanto Unterman resolveu ser mais conciso e breve ao fazer a sua citação da Tradição, Meier, por sua vez, preferiu fornecer maiores detalhes sobre ela ao mencioná-la.

Já a última versão, fornecida por Chouraqui, é bastante diferente das duas anteriores. Chouraqui declara que Moisés antes era eloqüente, mas afirma que ele perdeu a sua eloqüência ao utilizá-la contra um egípcio no momento em que este rezava ao seu ídolo. Ao presenciar este fato, IHVH repreende Moisés pelo seu ato, argumentando que ele próprio, IHVH, estava sendo adorado através daquela reza endereçada ao ídolo e, como punição pelo seu “zelo exagerado”, Moisés então vê a sua eloqüência transformada em gagueira. É muito difícil aceitar esta última versão sobre a origem da gagueira de Moisés (assim como também é difícil aceitar as duas primeiras versões citadas), pois isso implicaria aceitar a suposta identificação que havia entre Deus (IHVH) e o ídolo egípcio. Isso seria o cúmulo do sacrilégio!

De qualquer forma, o que estas três (ou duas?) versões conservam em comum é o fato de o problema de Moisés com relação à sua fala ser identificado com a *gagueira*. Como já havia dito anteriormente, a Tradição Judaica, que data de milhares de anos e que possui um grande *corpus* de lendas, folclore e superstições (juntamente com a LXX) exerceu um importantíssimo papel na formação e consolidação da ideia de que o problema que Moisés tinha em sua fala era a gagueira, o que não podemos afirmar com certeza, conforme vimos.⁵⁹ Tal Tradição influenciou o judaísmo dos tempos posteriores e contribuiu para a perpetuação e manutenção dessa ideia sobre o tipo de deficiência que Moisés possuía em sua fala.

Observemos, por fim, a interpretação de cunho teológico sobre Moisés e o problema que ele tinha em sua fala.

⁵⁹ Vogels, ao comentar a frase “*minha boca e minha língua são pesadas*” (Êx 4.10), declara: “‘pesada’ se refere ao mau funcionamento do órgão, sem que se possa precisar de qual doença se trata (...)”. (Cf. VOGELS, Walter. *Moisés e Suas Múltiplas Facetas*. São Paulo, Paulinas, 2003, p.106).

VII – O PONTO DE VISTA TEOLÓGICO

Ao examinarmos Êx 4.10-17 do ponto de vista teológico, nos deparamos com algumas observações bastante interessantes.

A primeira observação diz respeito ao curioso artigo escrito por Marc Shell, intitulado *Moses' Tongue (A Língua de Moisés)*. Neste artigo, Shell, que é gago (assim como o fora Meier, em sua infância), faz uma curiosa observação sobre o chamado divino de Moisés, o qual deveria ir até Faraó e exigir que este libertasse os israelitas da escravidão egípcia. Segundo Shell, Deus, que é gago, escolhe outro gago, Moisés, para realizar os Seus planos! Vejamos os dizeres de Shell:

Moisés não é o único ser a hesitar diante da sarça ardente. Deus também. É por isso que ele [Deus] procura um gago? (...) Moisés exige que Deus fale o nome inefável: “Qual (é) o seu nome?” (Êx 3.13). (...) Mas Deus diz no hebraico de Êxodo 3.14, *eheyeh asher eheyeh* (“Eu sou o que sou” na versão do Rei Tiago). O profeta Isaías recorda esta passagem em sua paráfrase reduplicada em 51.12, *anokhi anokhi hu* (“Eu, Eu mesmo, Aquele” [Versão do Rei Tiago]). O grego da Septuaginta interpreta a paráfrase de Isaías – *ego eimi ego eimi* (“Eu sou Eu sou”) – trazendo, igualmente, a repetição ou duplicação existencial em hebraico. O latim da Vulgata de São Jerônimo – *ego ego* (“Eu, Eu”) – sugere, de fato, uma gagueira divina.⁶⁰

Apesar de interessante, acho essa interpretação antropomórfica sobre a hipotética (e absurda!) gagueira de Deus bastante forçada. A meu ver, Shell, através de um mecanismo psicológico, transfere a sua própria deficiência física para a figura divina. Esse tipo de eisegese subjetiva e existencial feita por Shell não reflete, em momento algum, o que o texto bíblico pretende dizer sobre Deus.

A segunda observação de natureza teológica que deve ser feita aqui – e esta sim é bastante importante para a compreensão do texto que estamos estudando – está relacionada à *causa última* do problema da fala de Moisés. Em Êx 4.11, Deus faz a

⁶⁰ SHELL, Marc. *Op.Cit.*, p.153.

seguinte pergunta para Moisés: “*Quem dotou o homem de uma boca? Ou quem faz o mudo ou o surdo, o que vê ou o cego? Não sou eu, Iahweh?*”.

De acordo com este verso, Deus se auto-responsabiliza pela deficiência que Moisés possui em sua fala. Em outras palavras, o próprio Deus é *o autor* da deficiência física de Moisés, quer seja ela a gagueira ou não. Ora, como podemos harmonizar tal *aspecto negativo divino* com o conceito teológico de *bondade divina*? Em outra ocasião, eu mencionei o conceito teológico de *ambivalência divina*, citado por Nelson Kilpp, o qual julgo ser bastante pertinente repetir aqui para que tenhamos uma melhor compreensão da questão por nós levantada:

(...) no Antigo Testamento, o Deus de Israel exige ser adorado como Deus único. Esta exclusividade do Deus bíblico é responsável pela falta de um dualismo radical entre o bem e o mal e também pela inexistência de uma demonologia no Antigo Testamento. Sendo Javé único, ele se apresenta como um Deus ambivalente: ele causa o bem, mas também está na origem do mal.⁶¹

A partir do pensamento acima exposto podemos chegar a duas conclusões. Primeira, Deus é o criador do bem *e* do mal, sendo, portanto, um Ser ambivalente. Segunda, Deus é o criador *somente* do bem. O mal é uma realização *demoníaca* que, em um determinado estágio mais antigo da teologia israelita ainda não era assim percebido, mas que, posteriormente, após o surgimento e a influência do dualismo persa (VI Séc. a.C.), passou a ser enxergado dessa forma.⁶²

Particularmente, se tivesse que escolher entre uma das duas hipóteses, eu seria tentado a seguir a segunda hipótese, uma vez que aceitar a primeira hipótese, significaria compreender, de forma radical, que Deus é a origem de todo o bem *e* de todo o mal que há no mundo. Tal ideia, além de ser teologicamente absurda, pois depõe contra o caráter santo e bondoso de Deus, também ignora o livre arbítrio humano, que,

⁶¹ KILPP, Nelson. *Os Poderes Demoníacos no Antigo Testamento*, p.25. Apud: VAILATTI, Carlos Augusto. *Legião é o Meu Nome: uma análise exegética, hermenêutica e histórica de Mc 5.1-20*. Dissertação de Mestrado em Teologia não publicada. São Paulo, Seminário Teológico Servo de Cristo (STSC), 2009, p.38, nota 60.

⁶² Charles Francis Potter, ao falar sobre a dívida que o judaísmo tem com o zoroastrismo, declara que o estudioso da Bíblia deve reconhecer “o fato irrefutável de haverem os hebreus tomado emprestado o diabo dos zoroastrianos”. (Cf. POTTER, Charles Francis. *História das Religiões*. São Paulo, Editora Universitária, 1944, p.95).

em muitas situações, é o verdadeiro responsável por muitos males verificáveis durante a nossa existência terrena.

Dessa forma, a compreensão da deficiência que Moisés possuía em sua fala, se enxergada através da segunda hipótese sobre o *viés* da ambivalência divina, resultaria em uma subdivisão do ponto de vista teológico, que ora estamos estudando, ou então, resultaria no surgimento de um oitavo ponto de vista em nosso trabalho, a saber, o ponto de vista demonológico. Se interpretarmos Êx 4.10-17 dessa maneira, então seremos obrigados a admitir que o problema da fala de Moisés *teria* uma *origem demoníaca*, cuja intenção seria tentar obstruir o plano de Deus para Moisés e Israel, que era o de ir até Faraó e exigir-lhe que libertasse os israelitas da escravidão egípcia (Êx 3.11). Seja como for, esta é apenas uma mera hipótese.

Outra solução para a situação de Moisés, embora simplista, seria dizer que a deficiência que este possuía em sua fala era algo *contingente*. Isto é, as pessoas podem ou não contrair *gagueira* (caso esta fosse, de fato, a dificuldade de Moisés) devido a inúmeros fatores de ordem biológica, genética, física, psicológica, psicossomática etc. Dito de outra forma, todos nós, seres humanos, a partir do momento em que começamos a fazer parte da existência terrena, estamos sujeitos a *todos os tipos de vicissitudes* neste mundo. E isso inclui também a possibilidade de nos tornarmos gagos.

Além disso, do ponto de vista teológico, poder-se-ia argumentar também que a desculpa dada por Moisés a Iahweh em Êx 4.10, “*eu não sou um homem de falar*”, poderia ser indicativa da grande *humildade* desse notável legislador de Israel. O texto de Nm 12.3 parece favorecer essa opinião, pois encontramos escrito nele: “*e era o varão Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra*” (ARC). Aqui, a palavra “manso” vem do hebraico עָנָו (‘*ānāyw*), cujos significados básicos são “pequeno, humilde, gentil”.⁶³ Se esta hipótese estiver correta, então, Moisés estaria declinando o “convite” feito por Iahweh para ir até Faraó, alegando, humildemente, que ele não era *a pessoa mais indicada* para realizar essa tarefa tão importante.⁶⁴ Aliás, os

⁶³ HOLLADAY, William L. (ed.). *A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Grand Rapids, William B. Eerdmans Publishing Company / Leiden, Brill, 1988, p.278.

⁶⁴ Douglas Stuart concorda com essa posição, pois, para ele, a resposta de Moisés, “lento de fala e língua”, não deve ser compreendida *fisiologicamente*, mas *culturalmente*, levando-se em consideração o estilo de “humildade exagerada” típico do Antigo Oriente Próximo. Douglas diz que esse estilo era muitas vezes empregado em situações nas quais alguém estava apelando por ajuda ou misericórdia de outra pessoa ou estava demonstrando uma auto-depreciação cortês ao receber uma grande atribuição. Ele cita os seguintes textos bíblicos para comprovar esse conceito: Gn 18.26; Êx 4.10; 1 Sm 9.21; 18.23; 24.14;

dizeres de Moisés em Êx 4.13 – “Por favor, manda outra pessoa” (TLH) – confirmariam essa hipótese. Não devemos nos esquecer ainda de que Estêvão, em seu discurso, ao declarar sobre Moisés: ἦν δὲ δυνατὸς ἐν λόγοις καὶ ἔργοις αὐτοῦ (*ēn de dynatos en logois kai ergois autou*) “e era poderoso em suas palavras e obras” (At 7.22), estava se referindo, não à eloquência de Moisés, mas ao efeito total de seus discursos diante do Faraó, com a ajuda de Aarão.⁶⁵

Finalmente, acredito que o maior de todos os ensinamentos teológicos que Êx 4.10-17 tem a nos transmitir diz respeito à *soberania divina*, a qual predomina sobre todas as coisas, mas, especialmente, sobre as *limitações humanas*. Aliás, a esse respeito, creio que as palavras de A. W. Pink sejam bastante apropriadas aqui:

Quem está regendo as coisas na terra, hoje em dia – Deus ou o diabo? Que dizem as Escrituras? (...) Elas afirmam, vez após vez, que Deus está no trono do universo, que o cetro está em suas mãos, que Ele dirige *todas as coisas* “conforme o conselho da sua vontade”. Afirmam não somente que Deus criou todas as coisas, mas também que o Senhor domina e reina sobre todas as obras das suas mãos. Afirmam que Deus é o Todo-Poderoso, que sua vontade é irreversível, que Ele é soberano absoluto em cada recanto dos seus vastos domínios. E, certamente, *tem de ser* assim. Há apenas uma alternativa possível: ou Deus domina, ou é dominado; ou impera, ou é subordinado; ou cumpre a sua própria vontade, ou ela é impedida por suas criaturas. Aceitando-se o fato que Deus é o “Altíssimo”, o único Soberano e o Rei dos reis, revestido de sabedoria perfeita e de poder ilimitado, a irresistível conclusão a que chegamos é que Ele deve ser Deus *de fato*, e não apenas de nome.⁶⁶

Sendo assim, a perícopes de Êx 4.10-17 nos ensina acima de tudo que, apesar da deficiência que Moisés possuía em sua fala, *fosse ela qual fosse*, no final das contas é sempre a vontade soberana de Iahweh que prevalece. Afinal, Deus não precisa de um homem eloquente para realizar os Seus planos. Um homem que possua algum tipo de deficiência em sua fala é tudo o que Ele precisa. Aliás, lembrando as belas palavras de

26.20; 2 Sm 9.8; 1 Rs 3.7; 2 Rs 8.13; Is 6.5; 56.3; Jr 1.6; 1 Co 2.3; Ef 3.8; 1 Tm 1.15; Hb 13.22. (Cf. STUART, Douglas K. *Exodus*. [New International Version | The New American Commentary]. Nashville, Broadman & Holman Publishers, 2006, pp.133,134).

⁶⁵ CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo*. Vol.1. São Paulo, Hagnos, 2001, p.318.

⁶⁶ PINK, A. W. *Deus é Soberano*. São José dos Campos, Editora Fiel, 1997, pp.12,13.

Pfeiffer e Harrison, “o gaguejar de Moisés, como servo fiel de Deus, será suficiente o bastante”.

CONCLUSÃO

Finalmente, chegamos ao término do nosso estudo. Ao longo do presente trabalho nós apresentamos vários pontos de vista sobre *o significado, as várias formas de interpretação e a natureza* da deficiência que Moisés possuía em sua fala.

Depois de discorrermos sobre os pontos de vista: filológico, fisiológico, psicológico, idiomático, moral, tradicional e teológico, podemos chegar, então, a algumas conclusões:

Primeira, a perícopes de Êx 4.10-17, em linhas gerais, visa *dramatizar* a situação de Moisés ao extremo, através do relato sobre a deficiência que este possuía em sua fala, a fim de, em contrapartida, exaltar o inigualável poder de Iahweh, que é o Criador de todas as coisas, inclusive, da “*boca*” do homem e do “*mudo*” (Êx 4.11). Haveria melhor maneira de dramatizar toda a situação e de exaltar ainda mais o poder de Iahweh do que enviar *um mensageiro com problema na fala* e com o intuito de transmitir *uma mensagem* a ninguém mais, ninguém menos, do que *o próprio Faraó*, rei do Egito?

Segunda, as frases: a) “*eu não sou um homem de palavras*” (Êx 4.10a), b) “*pesado e boca e pesado de língua*” (Êx 4.10b) e c) “*incircunciso de lábios*” (Êx 6.12,30) parecem não apontar, todas elas, para um mesmo significado. A primeira frase não é suficientemente clara quanto ao seu significado. Ela pode se referir ao fato de Moisés, por exemplo, *não ser eloquente, ser tímido, ter perdido a fluência no idioma egípcio*, ou, simplesmente, pode ser uma forma cultural por meio da qual Moisés está exprimindo a sua *humildade*. A segunda frase *parece apontar* para algum *problema físico* no aparelho fonador de Moisés, sem especificar, contudo, *qual é* esse problema. Já a terceira frase pode ter relação tanto com uma questão *física*, quanto com uma questão *moral* ou *espiritual*. Logo, há muitas incertezas neste ponto quanto à *natureza exata* do problema de Moisés em sua fala.

Terceira, a hipótese de que o problema na fala de Moisés seria a *gagueira* deve ser vista com muita cautela, pois, em se tratando de algum problema físico, há também outras hipóteses possíveis a serem consideradas como tivemos a oportunidade de verificar em nosso estudo. Aliás, como já dissemos anteriormente, a *Tradição Judaica* e a *Septuaginta* contribuíram bastante para consolidar a ideia de que a gagueira era o problema que Moisés possuía em sua fala. Assim, ao longo dos anos, essa “ideia” foi transmitida a sucessivas gerações, vindo a adquirir contornos de *verdade*.

Por último, a perícopes de Êx 4.10-17 nos mostra algo que transcende a nossa pesquisa teórica, o nosso labor acadêmico, o nosso trabalho de escrivãinha. Ela nos mostra que mesmo grandes homens, como Moisés, possuem deficiências e limites e também se utilizam de certos subterfúgios, como algumas desculpas, por exemplo, a fim de não terem que obedecer à vontade de Deus. Além disso, ela também nos ensina que Iahweh, quando tem um plano a ser realizado, o executa *apesar* de nós mesmos. Afinal, *quem* ou *o quê* poderia ir contra a Sua soberana vontade?

BIBLIOGRAFIA

ALI, S. V. Mir Ahmed. (Trad.). *The Koran*. [Translation from Arab to English]. New York, Tahrike Tarsile Qur'an, Inc., 2008.

ANDIÑACH, Pablo. *O Livro do Êxodo: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo, Editora Sinodal, 2010.

ARCHER JR., Gleason L. *Merece Confiança o Antigo Testamento?* São Paulo, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1991.

ASCH, Sholem. *Moisés: o libertador do povo judeu*. Rio de Janeiro, Editora Central Gospel, 2005.

ASSMANN, Jan. *Moses the Egyptian: the memory of Egypt in western monotheism*. Cambridge, Harvard University Press, 1998.

BERGANT, Dianne & KARRIS, Robert J. (orgs.). *Comentário Bíblico*. Vol.1. [Introdução, Pentateuco e Profetas Anteriores]. São Paulo, Edições Loyola, 2001.

BOICE, James Montgomery. *Homens de Deus em Tempo de Crise*. São Paulo, Editora Multiletra, 1996.

CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo*. Vol.1. São Paulo, Hagnos, 2001.

CHOURAQUI, André. *A Bíblia: Nomes (Êxodo)*. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1996.

CICUREL, Assi & SHVARTS, Shifra. *Stuttering in Antiquity – Moses and Demosthenes*. [Journal of the International Society for the History of Medicine]. Vol. IX, nº 2. Perth, Editorial Vesalius, 2003.

COLE, R. Alan. *Êxodo: introdução e comentário*. São Paulo, Vida Nova / Mundo Cristão, 1990.

DRAZIN, Israel. *Targum Onkelos to Exodus: an English translation of the text with analysis and commentary*. [Based on the A. Sperber and A. Berliner editions]. New Jersey, Ktav Publishing House, 1990.

FARBIARZ, Rachel. *Parshat Vaera 5769*. [Article | AJWS Torah Commentary Series]. New York, American Jewish World Service, 2009.

GARDNER, Paul. (ed.). *Quem é Quem na Bíblia Sagrada*. São Paulo, Editora Vida, 2000.

ITZHAK, Shlomo Ben.[Rashi]. *Shemot*. São Paulo, Trejger Editores, 1993.

JOHNSON, Luke Timothy. *The Acts of the Apostles*. Collegeville, The Liturgical Press, 1992.

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Vol.1. Rio de Janeiro, CPAD, 1990.

KALISCH, M. *Exodus*. [A Historical and Critical Commentary on The Old Testament, with A New Translation]. London, Longman, Brown, Green and Longmans, 1855.

LAHAYE, Tim. *Temperamentos Transformados*. São Paulo, Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1995.

LIENHARD, Joseph T. (ed.). *Exodus, Leviticus, Numbers, Deuteronomy*. [Ancient Christian Commentary on Scripture – Old Testament III]. Downers Grove, Inter Varsity Press, 2001.

MEIER, Levi. *Moisés: o príncipe, o profeta*. São Paulo, Madras Editora Ltda, 2001.

MILLER, William T. *The Book of Exodus: question by question*. New Jersey, Paulist Press, 2009.

NET Bible. *Exodus*. Disponível em: <http://bible.org/netbible/index.htm>.

PFEIFFER, Charles F. & HARRISON, Everett F. (eds.). *The Wycliffe Bible Commentary*. Chicago, Moody Press, 1987.

PINK, A. W. *Deus é Soberano*. São José dos Campos, Editora Fiel, 1997.

POTTER, Charles Francis. *História das Religiões*. São Paulo, Editora Universitária, 1944.

REISNER, Noam. *Milton and the Ineffable*. Oxford, Oxford University Press, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo, Editora Cultrix, 2006.

SCHARFSTEIN, Sol. *Torah and Commentary: the Five books of Moses: Translation, Rabbinic and Contemporary Commentary*. New Jersey, Ktav Publishing House, 2008.

SCHREINER, Josef. *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*. São Paulo, Paulus / Teológica, 2004.

SHELL, Marc. *Moses' Tongue*. [Article | Common Knowledge]. Durham, Duke University Press, 2006.

STUART, Douglas K. *Exodus*. [New International Version. The New American Commentary]. Nashville, Broadman & Holman Publishers, 2006.

VOGELS, Walter. *Moisés e Suas Múltiplas Facetas*. São Paulo, Paulinas, 2003.

VAILATTI, Carlos Augusto. *Legião é o Meu Nome: uma análise exegética, hermenêutica e histórica de Mc 5.1-20*. Dissertação de Mestrado em Teologia não publicada. São Paulo, Seminário Teológico Servo de Cristo (STSC), 2009.

© É permitida a reprodução parcial deste artigo desde que citada a sua fonte.

Citação Bibliográfica: VAILATTI, Carlos Augusto. *A Gagueira de Moisés: múltiplas interpretações*. [Artigo]. São Paulo, Publicação do Autor, 2011.

Carlos Augusto Vailatti possui Graduação em Teologia pela *Faculdade Betel / Instituto Betel de Ensino Superior* (IBES, 1999), Mestrado em Teologia (Master of Arts in Biblical Theology), com especialização em Teologia Bíblica, pelo *Seminário Teológico Servo de Cristo* (STSC, 2009) e Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica (em andamento) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) - Departamento de Letras Orientais (DLO) - da *Universidade de São Paulo* (USP). Atualmente leciona diversas disciplinas bíblico-teológicas na Faculdade Betel / Instituto Betel de Ensino Superior (IBES) e também no Seminário Teológico Evangélico do Betel Brasileiro (STEBB). Contato: augustovailatti@ig.com.br.